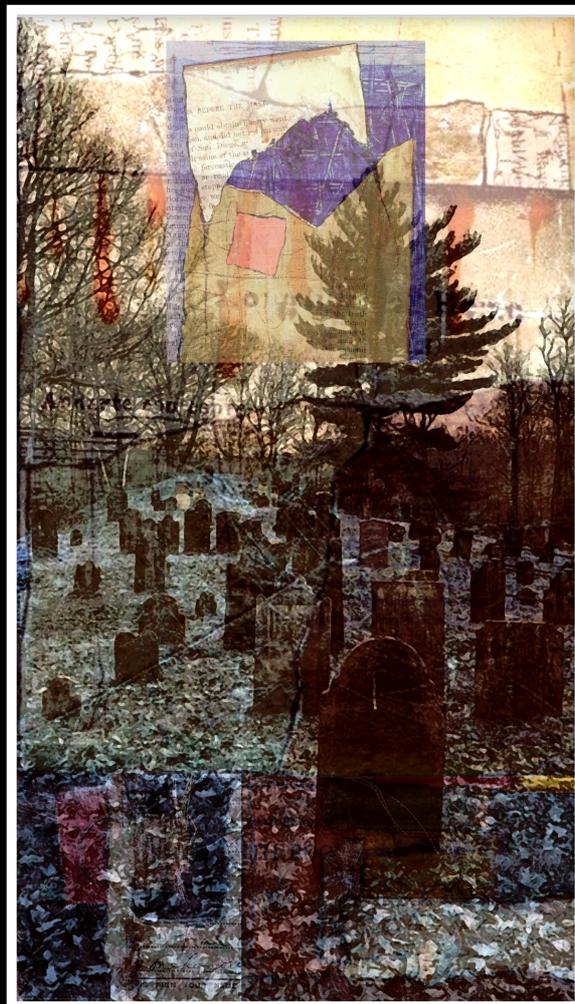


CEMITÉRIO DE CADÁVERES ESQUISITOS

cemitério



de cadáveres esquisitos

MANOEL DE ALMEIDA E SOUSA

CASCAIS, 2023

*o espaço é banhado pelo vazio (sonoro)
qualquer movimento na cena poderá provocar ressonâncias
(profundas). o mesmo acontecerá com os latidos-do-peito dos
que irão ser presentes neste acto
uma besta gerada – ao que consta – nas profundezas do tempo,
emergiu num repente
atravessou a porta das negras memórias
ele, com o corpo adormecido sobre a mesa, tornar-se-à visível
(quando um foco luminoso se fizer sentir)
leva as mãos à boca, impedindo-a assim de disparar palavras
de emergência
 contra a parede
 contra o espelho que projecta o olhar (olheirento)
 contra a porta
 contra o vazio que há muito o invade
morde os lábios
 mira-se ao espelho
 a imagem do seu cabelo desalinhado será
motivo para um meio-sorriso e um movimento de lábios –
balbuciantes*

– deixa-me ver
 deixa-me pensar
 deixa-me...
 preparar um chá verde
devo conter-me?
sim...
 quando o chuveiro se manifesta transbordante o combóio arrastará
a fumaça em fuga
 qual animal ferido nas entranhas
não haverá pressa no desbravar caminhos directos – os que jamais
roçarão o prosaico
 procuremos
 um espaço difícil
 uma vanguarda complexa
 um banho gástrico para devorar os papeis
onde registo as minhas memórias
ah!...
 aquela imagem de um chuveiro d'água vermelha
 com sensações distintas
 com escaldantes toques digitais...
banhei-me muitas vezes nas imagens que não só me confundem... mas,
também, me esclarecem

calou-se quando abriu a porta metálica dos trens de cozinha

– o amor é uma mão no peito
no nosso primeiro dia
disse-me ela, arrastando uma bruma mais negra que sua túnica de seda

***encheu a xícara de chá e abandonou os braços sobre a mesa
o olhar tomou a palavra
nada mais***

***o silêncio continuava a derreter a sala
a cabeça percebeu o ritmo da respiração
vibrou o recordatório de electrodomésticos colado
ao frigorífico***

zumbiram as lâmpadas...

***a televisão exhibe efervescências, o rádio
transmite relatos de bolas com as sirenes, lá fora, a dançar ao
ritmo do trânsito***

pouco depois, o latir do cão

***... ouve-se o toque de campainha da porta. ele leva a mão ao
comunicador:***

– quem é?!...

voz de mulher – polícia!

– lamento mas terá de voltar mais tarde. veio à hora do chá e à hora do
chá, não estou disponível para ninguém. mesmo para polícias

voz de mulher – e eu tenho um mandado para investigar essa casa
abra a porta ou terei de forçar a fechadura...

– eu não o faria

voz de mulher – não?

– não

***tomou o chá num largo trago e, após uma pausa silenciosa,
animou-se. prosseguiu:***

– não o faria mas...

... estou a considerar, tendo em conta que chove e não
quero dialogar com uma senhora que possa vir a encharcar as minhas
alcatifas, descer e abrir-lhe a porta do prédio

sim. vou descer

*cerrou a porta, caminhou seguro de si – apenas as escadas e o elevador foram testemunhas do percurso
passados alguns instantes, as duas figuras entram em cena.
forte aplauso (gravado)
ele retira as chaves da fechadura e leva-as ao bolso
ouve-se uma buzina (antiga) de bicicleta e, só depois, passa um ciclista
estão agora lado-a-lado. frente aos espectadores (se houver espectadores)
caem três sacos carregados de silêncios
o primeiro seguido do segundo
só muito depois cairá o terceiro*

ela – palma “o velho” seguiu até persépolis... com um olho na fechadura controlou os movimentos de alexandre

ele – e alexandre esforçava-se para desatar o nó górdio – “Turn him to any cause of policy, The Gordian Knot of it he will unloose, Familiar as his garter” – (Shakespeare, Henry V, Act 1 Scene 1)

ela – eu não guardaria as chaves

ele – porque não?

ela – porque vais ter de as dar

ele – a ti?...

ela olha-o com ar afirmativo. e ele desenha um movimento circular à sua volta e repetirá até à exaustão em dois tons (grave e agudo):

– ¡no quiero que te vayas!... – ¡pero tengo que irme!

– Je ne veux pas que tu partes!... – mais je dois y aller!

ele – repara...

... vou introduzir a mão no interior do cérebro para rebuscar memórias passadas

com efeito foi um dia complicado, este

um dia ensopado num caldo de abjectas comunicações

um dia envolto por muita gente que saía de portas rotativas, de automóveis, de elevadores, de estações de metro, de edifícios ah!...

que raio terei feito para me dizeres que queres as chaves de minha casa?

ao menos tens ideia dos motivos?...

ela – não há que explicar nada... apenas te mostro este papel assinado pelo juiz

ele – estou a olhar para ti

ela – já reparei

ele – a sério?

ela – digamos que sim

ele – nunca te disseram que és deslumbrante?...

ela – estás a candidatar-te a ser mais um?

ele – foram muitos?

ela – claro que sim

ele levou a chávena de chá à boca enquanto observava os resplandecentes feitos da luz sobre o líquido

ele – o meu nome é valentino... valentino del guido

excita-me o céu quando as enciclopédias me caem sobre a testa e as folhas se soltam...

quedo-me sobre aquele banco a abanar as mãos como se estivesse no meio de um enxame de abelhas

conheci o disparo de armas

os amores

et la musique où les chiens marchent

em maio iremos onde florescem os limoeiros

assim será

colocaremos os lábios na sopa

e convidamo-nos para essa viagem

vamos?

ela – saberemos o que fazer para manter os cabelos à distância do olhar

ele – sabias que no princípio a terra parou?

ela – para nos contemplar?...

ele – só muito depois fiquei a saber que era o herdeiro-natural

logo

este andar é meu

ela – espera:...

– o meu nome é lúcia o céu é mais céu quando as enciclopédias me caem sobre a testa

as folhas soltam-se

rodam à minha volta como um enxame de abelhas

conheci o disparo amoroso de la musique – où

les hommes marchent

em abril iremos onde florescem os medronheiros

colocaremos os lábios na sopa

e... piscarei o olho esquerdo

foi o que ela nos disse

ele – na esquadra?

ela – sim

na esquadra

e mais disse:

– só muito depois fiquei a saber que era sua herdeira-natural. logo, aquela casa é minha

claro

que a casa a que se referia era esta

ele – aqui, calculo, começa a aventura da condessa bianca

lembro-a no banho de lua

eu olhei e ela perguntou: – dize-me o que fazes?...

e eu respondi: – no princípio a terra estava imóvel

e...

disse-me a baronesa bianca ao entrar: – eu sei!... li nos herméticos livros tudo sobre alexandre o grande, e nada sobre o pequeno valentino del guido

ela – a baronesa bianca... ou será a marquesa bianca?

ele – só para ti baronesa

fiquei aqui para estar perto de ti

perto de ti aqui fiquei para estar

estar para perto fiquei de ti aqui

aqui de ti perto fiquei para estar

para aqui estar fiquei perto de ti

vamos?

não esqueças que me pediste para dançar

ela – vem para aqui

aqui, debaixo das luzes – para melhor fundamentar a minha teoria

vives só?

ele – antes apontavas-me uma calibre 45
pouco me espantam já os teus golpes
por favor não tens que te preocupar
comigo
mas com o...
tu sabes que sou um homem de palavra

mas sim...
vivo com o meu heterónimo e em perfeita harmonia

ela – onde está ele?

ele – ali
sentado naquela poltrona

ela – não o vejo...

ele – perfeitamente natural
os heterónimos são figuras estranhas. por vezes não se deixam ver e
difícilmente dialogam

ela – tal como os figurantes no teatro?

ele – nem mais
foi assim:... saímos do bar, tomámos um taxi e disse ele: – para o
centro!...

e acrescentou: – sabias que três dias antes de voltar a paris, bonaparte
enviou uma mensagem a josefina pedindo-lhe que usasse um patinho de
borracha na banheira?...

o condutor dirigiu o olhar para o assento traseiro. talvez
para perceber quem dera tal informação...

o percurso, porém, fez-se em silêncio

descemos depois de ter pago

caminhámos até ao elevador

sorrimos, falámos e entrámos

ele estava um pouco bebido mas nada demais
não vais perguntar mais nada?

ela – continuaram a beber?...

ele – sim
ele bebeu
eu não

***limitados pelo espaço, caminharam sem destino
cada passo dado; uma memória, uma gota d'água p'ra regar o
armazém-depósito das recordações-em-flor***

em cada passo dado, um pensamento a dois: – curioso, entre seis poemas, quatro falam da névoa que observámos em veneza

e... empataram o anzol de pescar cousas escondidas nos rochedos da mente

ele – e se voltássemos a itália?

ela – eu sou uma mulher-polícia...

ele – não podes?

ela – não

o comando não autorizará
só nas férias
e as férias...

ele – sabes que as imagens daquele dia de pesca, ainda habitam a minha memória?...

também gostaria de voltar a paris ou munique...

... ah!

pois sim...

sobre ele?!

claro. discutimos mas não nos agredimos

estávamos apenas a reflectir, a navegar

cousas sobre as quais as nossas opiniões divergem – bastante

ela – quero interrogá-lo

a penumbra, com o passar dos minutos, enverga a sua túnica negra e...

derrama outros ventos na noute

ele, como se nunca tivesse feito outra coisa... como se os membros, superiores e inferiores, fossem portadores de memórias próprias...

ao sentar-se soube (de imediato) onde colocar mãos

e pés

ela entrou pelo outro lado e disse: – vá. engata a primeira, tira o pé do pedal...

e ele perguntou: – que achas disto tudo?

e ela: – sei pouco...

há quem diga que os gatos, quando caem da janela e batem com o nariz no chão, perdem o sentido do olfato e não conseguem reconhecer as cousas

o espaço ilumina-se

ela está sentada no sofá. ele passeia-se (nervoso) – apresenta-se agora em tronco nu, porém com gravata

ela – eu não sou o gato que bateu com o nariz ao cair... vejo as cousas,
sinto-lhes o cheiro, entendo...

lá fora

uma bicicleta que passa

as árvores

e tu... não és tu

és o seu heterónimo!

ele – não me sinto bem no seu corpo, é como se vestisse um fato-macaco
apertado

um fato macaco de outro

um dia valentino disse-me: – as orelhas sempre para trás e
tenta não te preocupar

passaram-se meses...

ele estava lá fora. lá, na obscuridade, vi-o sentado no banco do condutor.
não se movia...

eu julgava que se tinha ido

há muito que ameaçava desaparecer mas não...

estava ali, encerrado no carro

minutos depois, aproximei-me para lhe perguntar
que se passava

ignorou-me

ela – eu sei o que isso é!... li nos herméticos livros muito sobre alexandre
o grande, e um quase nada sobre o pequeno valentino del guido

ele – valentino baixou o olhar; as suas mãos soltas tombaram sobre o
volante. a cabeça acompanhou o movimento
e eu...

perplexo, cansado, ou outra coisa

disse-me:

– sei pouco

ela – palma “o velho” seguiu até persépolis... com um olho na fechadura
controlou os movimentos de alexandre

ele – alexandre esforçava-se para desatar o nó górdio
é!...

estou a reaprender tudo

li algures que

as minhas obsessões

as minhas fascinações

são, só, o veículo – o resto passa pela interferência da carne e, a noção do
que sou...

nada deterá nada

quando tudo for envolvido pela “sandwich” cósmica...
sempre que penso nisso
sou atingido por uma fome tremenda
uma fome que suspende, por segundos, as acções da grande
mãe da destruição
sempre em processo e progresso...
vou soltar uma gargalhada. posso?

ela – claro
nós sabemos perfeitamente o que é viver em sintonia com a
impertinência
antes...
passeávamos ao longo da ribeira, pescávamos, mas havia sempre alguma
coisa urgente que nos obrigava a voltar...
o amor é uma mão no peito
no nosso primeiro dia

ele – a noção de posse de meus "outros eus"
tal como a noção do “eu”
é volátil
mas espera!...
disseste:...
– no nosso primeiro dia?

ela – um cão assobiava na sombra amarga dos cimentos
quando
a boca engoliu as nuvens
não ninguém mente à mente
a lua incha sua bolsa marsupial
late um cão-guia-azul que defende o rebanho entre montes e vales
só ele sabe que aí se esconde um monstro de língua peluda e
corpo de gramofone-regador
cão e rebanho vestem as alvas camisinhas à porta da
igreja
um padre-fotógrafo-ventríloquo enverga o seu
violino e empresta a voz para dar corpo ao sermão dominical:
– minha linda menina não se esqueça de colar flores, selos,
pedrinhas, lâminas de barbear e alguns alhos e cebolas nos seus poemas
amorosos
ao fazê-lo fertilizará a paixão e os campos – que, em
unísono, entoarão um belo réquiem, composto por mim, à sua passagem

ele – tenho uma vara vermelha de pescar cousas
hoje
a neblina roçou a vidraça
a língua resvalou nas esquinas

as do crepúsculo
faz tempo que não pouso
nas poças aninhadas nos caminhos
jamais deixarei que caia sobre o teu dorso a fuligem das chaminés...
sim a casa está adormecida
e quando eu

só
na rua
por vezes
dobre a esquina
suba escadas no prédio
lance-me sobre o colchão
e
me esqueça da vara de pescar cousas
e
lance-me sobre o colchão
suba escadas no prédio
dobre a esquina
por vezes
na rua
só

ela – curioso
por vezes
sou invadida por sentimentos
sentimentos fresquinhos
sentimentos recebidos
no momento
há quem diga que os de antes já não nos servem
mas acho errado
acho que há, de facto, uma poética que circula – desde a
infância

há na infância que circula uma poética nossa
há na nossa uma poética que circula infância
há uma poética na nossa infância que circula
na nossa infância há uma poética que circula
circula na nossa infância uma poética que há
uma infância há que circula na nossa poética
poética uma há que na nossa infância circula
na uma há poética que circula nossa infância

ele – nem mais
parti todos os espelhos que revelavam o meu perfil
porque nas encruzilhadas
há dragões

há piratas
 e eu... tropeço no teu desejo de acreditar neste asilo
 ao frio das janelas chegam pequenas gotas
 e, distraíndo-me com a aparência das cousas, ergo-me para dizer:
 te sinto
 te pressinto
 te noto
 te sigo
 te persigo
 e farejo o teu rasto
 sim...
 persisto
 porque existo

 ela – e o anzol?...
 és pescador?

 ele – pescador, marinheiro, gerente de um cemitério que plantei no meu
 quintal

 ela – a sério?...

 ele – a sério!...
 um cemitério repleto de cadáveres. centenas deles. adoro aqueles
 cadáveres
 roubei-os nas bibliotecas por onde passei
 alguns deles AssaSSINADOS por mais que cinco
 poetas
 o meu cemitério tem mais de duas centenas
 de cadáveres...

 ela – ... esquisitos

 ele – isso. cadáveres esquisitos

 ela – e tu?
 és marinheiro de guerra?

 ele – capitão
 do mar
 e da guerra
 capitão pelo lado do avô
 mar pelo lado da cadela d'água
 e guerra...
 já nem sei por qual lado

ela – mas sabes que lançaram mísseis sobre a cidade
depois... pediram desculpas

ele – pediram desculpas?
foi o que nos valeu
acho eu

ela – houve guerra?

ele – houve
ou talvez...
tenha havido
já não me lembro de nada

restam umas memórias
episódios
mísseis

e bombas de napalm perdidas nas ruas da cidade
tudo o mais são cousas
e taxis...

o táxi que me recebeu com aquela voz a roçar o vidro da
janela
a que disse ao motorista:
– para o centro!...

ela – mas estamos em crise?

ele – não!...
isso foi...
há cem anos
há três memórias
há três ideias
há três sensações
há três hábitos

o quê?
lembras-te

das ideias
dos hábitos
e não, das sensações?
temos muito a dizer um ao outro

ela – claro que sim. coloca-te já nos trilhos
nunca é tarde
há tanta seda por valorizar...
mas não há mais favores de chocolate
vamos, rapaz, corre
e segue

ele – eu sei. tu és a herdeira deste espaço...
só tu sabes

que um poema é a resposta às chuvas enjauladas
que um desenho é o motivo de crime – quando os nervos
saem das unhas e deixam vestígios
que um qualquer olhar atinge facilmente o zinco da
máquina de costura

ela – prefiro falar
de um breve olhar
de um reconhecer silhuetas à luz de velas
de uma barriga farta de pecado
de tragédias gregas onde os jardineiros dão corda aos seus relógios
de bolso livres de qualquer espécie de intenção
há uma grande nuvem onde os moluscos circulam cumprindo silêncios
porque os moluscos também têm dores
dores inspiradas no olhar agrafado ao estendal da janela
ah!...
como me excitam as plantas carnívoras ao coçarem-me as costas

ele – e que tal
irmos fumar um cigarro antigo?...
mesmo muito antigo?!...
daqueles que já nem se fazem...

ela – no cemitério dos cadáveres esquisitos!?

ele – precisamente!...

ela – e todos os dias sentar-nos-emos sobre uma laje
desenterraremos um cadáver para o podermos recitar como loucos
mais tarde – pela noutinha – comeremos uma bela refeição
para que
os alimentos nos possam confessar quem foram os
“assassinantes” desses cadáveres-esquisitos

ele – que lindo pensamento o teu... vou comê-lo
e contigo dançar
trarei uma garrafa de medronho
girarei o líquido no cálice e ao levá-lo aos lábios,
antes de engolir, farei que se passeie pelos recantos da boca
sim sejamos os únicos a cumprir ritos poéticos sobre as lajes de
um cemitério
é preciso dar um bom salto para a frente

porém, será conveniente medir distâncias e
ganhar balanço para que, com nossos poemas a quatro mãos
possamos encharcar tudo!...

ela – que as enciclopédias soltem as suas folhas
que as folhas nos caíam sobre a cabeça

ele – e que sejamos forçados a abanar as mãos como se estivéssemos no
meio de um enxame de abelhas

fim

** ao longo da peça poderão ser lidas frases, palavras e outras cousas que, outrora,
fizeram parte de cadáveres-esquisitos participados por dois heterónimos e um
pseudónimo do autor (até ao momento nenhum deles acusou o escrevinhador de plágio)*

Cascais, 9 de agosto 2023 (primeiro dia do centenário de Mário Cesariny de
Vasconcelos)